



Calidoscópico

E-ISSN: 2177-6202

calidoscopio@unisinis.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Martínez López, Juan A.; Jørgensen, Annette M.
Análise de alguns marcadores de controlo de contacto na linguagem da juventude de
Madrid e de Buenos Aires
Calidoscópico, vol. 11, núm. 3, septiembre-diciembre, 2013, pp. 276-288
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=571561786012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Juan A. Martínez López
jamarlop@upo.es

Annette M. Jørgensen
annette.Myre@if.uib.no

Análise de alguns marcadores de controlo de contacto na linguagem da juventude de Madrid e de Buenos Aires

Analysis of some discourse markers in teenage talk of Madrid and Buenos Aires

RESUMO – Tomando como base de análise as gravações de conversas espontâneas em linguagem de jovens realizadas no âmbito do projecto Corpus Oral del Lenguaje Adolescente (COLA), o presente trabalho, numa perspectiva da Pragmática variacional, pretende comparar a utilização que os jovens de Madrid e de Buenos Aires fazem de alguns marcadores conversacionais de controlo de contacto. Comparam-se os marcadores utilizados, aprofundam-se as funções dos mesmos e determina-se a frequência de cada um, assim como a sua proporção por cada mil palavras (pmp). Presta-se igualmente atenção à utilização que é feita destes marcadores em função do sexo do emissor e do receptor a quem este se dirige, bem como à posição que cada um dos marcadores analisados ocupa nos enunciados em que aparece. O resultado da análise destaca que a variação na lista dos marcadores não só é determinada ou influenciada pelas características do falante, mas também pelas dos interlocutores aos quais a mensagem se dirige.

Palavras-chave: Linguística de *corpus*, linguística contrastiva, linguagem dos jovens, vocativos, marcadores discursivos de controlo de contacto.

ABSTRACT - This paper aims to compare teenagers' use of some conversational discourse markers in Madrid and Buenos Aires, and is based on the analysis of recordings of spontaneous conversations of youth language in the Corpus of Adolescent Oral Language - project (COLA). From the perspective of variational pragmatics, the authors compare the discourse markers, analyze the functions, determine the frequency, and the proportion per thousand words. The gender question and the position of the markers form part of the analysis. The result of the analysis reveals that the variation of discourse markers is not exclusively determined or influenced by the speaker's characteristics, but also by the persons to whom the message is directed.

Key words: Corpus linguistics, contrastive linguistics, teenage talk, vocatives, touch control discourse markers

Introdução

No âmbito dos estudos do discurso, aqueles que se dedicam aos marcadores constituem um dos seus eixos centrais. Trata-se, como é sabido, de um grupo de partículas invariáveis com uma função extraoracional e com um valor semântico e pragmático, cujo objectivo é organizar a informação discursiva e orientar as inferências dos próprios enunciados. As referidas partículas têm recebido diferentes designações: enlances extraoracionais, conectores ou organizadores do discurso, etc. Provavelmente, isto deve-se ao facto de – embora o seu conhecimento e análise ter começado no início da década de 1970 com os estudos de Sinclair e Coulthard (1972) – só nos últimos anos do século passado e nos primeiros do presente terem sido levadas a cabo as primeiras classificações

mais rigorosas em língua espanhola (Martín Zorraquino e Portolés, 1999; Portolés, 2001). Hoje em dia, os estudos teórico-descritivos e o seu encaixe funcional no discurso, assim como as suas tipologias, sejam no âmbito dialectal ou sociolinguístico, representam um interessante campo de trabalho.

Neste sentido, o presente estudo tem como propósito analisar, a partir da vertente comparativa, a utilização de um determinado grupo de marcadores, os denominados de controlo de contacto ou reguladores fáticos e apelativos, na linguagem da juventude de Madrid e de Buenos Aires. Para isso, iremos analisar o material recolhido no Proyecto de Corpus Oral del Lenguaje Adolescente (COLA), correspondente aos modos de falar das cidades anteriormente citadas, para determinar os marcadores utilizados em cada área. Também será tomado em consideração o sexo do

emissor e o do receptor. No mesmo sentido, ter-se-á em atenção a frequência de utilização e a posição dos referidos elementos no enunciado.

Os marcadores do discurso

A análise dos marcadores do discurso tem registado uma grande evolução desde a década de 1980, e disto são testemunho os trabalhos de Schiffrin (1987), Brinton (1996), Andersen (2001) ou Fischer (2006). Naquilo que diz respeito à língua espanhola, podemos mencionar estudos de carácter geral como os de Martín Zorraquino e Montolio (1998), Briz (1998), Portolés (1998 e 2001), Martín Zorraquino e Portolés (1999), Cuenca (2004) e Loureda e Acín (2010), cujo objectivo central foi a definição e caracterização destes elementos, ao mesmo tempo que, paulatinamente, se ia forjando e aperfeiçoando uma classificação que teve em atenção a função semântico-pragmática que estas partículas pudessem desempenhar no discurso.

Segundo Briz (1998 p. 50), os marcadores discursivos são “fórmulas que vinculam semântica e pragmaticamente o antes ao depois, aquilo que se disse com o que se continua a dizer ou que se vai dizer”. Além disso, propõe dois tipos de conectores: por um lado, os conectores pragmáticos, ou seja, aqueles que “não são apenas enlances de conexão enunciativa, mas também marcam a estrutura da conversação, a progressão coerente da mesma” e que, portanto, “tanto funcionam no plano local, como no plano global da conversação como instruções da actividade argumentativa dos interlocutores” (1998 p. 165); por outro lado, os marcadores metadiscursivos (ou metacomunicativos), através dos quais é evidenciado “o esforço que um emissor-receptor faz ao produzir e, mais ainda, tentar encadear as partes do seu discurso” (1998 p. 201). Neste último grupo reúne partículas como *es decir*, *pues*, *entonces*, *o sea*, *por cierto*, *en segundo lugar*, *bueno ¿entiendes?*, *¿me sigues?*, *¿ves?*, etc. (quer dizer, pois, então, ou seja, claro, em segundo lugar, bom, estás a perceber? estás a acompanhar-me? estás a ver?). Destes conectores salienta que “por um lado, se destinam ao controlo e organização da mensagem à medida que esta vai fluindo e, por outro lado, ao controlo dos papéis comunicativos e do contacto entre os participantes da enunciação e destes com a mensagem” (1998 p. 206). Assim, através da utilização destes últimos elementos linguísticos, mantém-se o fluxo da interlocução, controlam-se e regulam-se as alternâncias discursivas, desenvolve-se a argumentação, formula-se e reformula-se aquilo que se pretende dizer, suporta-se a manutenção da temática e também se ajuda a manter a atenção, a curiosidade e o interesse pelo acompanhamento da argumentação.

Por seu turno, Portolés (1998 p. 25) define os marcadores do discurso como:

“[...] unidades linguísticas invariáveis, que não exercem uma função sintáctica no âmbito do discurso oral, mas cuja missão coincide com a do discurso: a de orientar, de acordo com as suas diferentes propriedades morfosintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam através da comunicação.”

E propõe uma classificação destas partículas em cinco grupos:

a) Aquelas a que designa por estruturadoras da informação, em três subtipos: as comentadoras (*pues bien*, *así las cosas...*) (pois bem, deste modo...), as ordenadoras (*en primer lugar*, *por otro lado...*) (em primeiro lugar, por outro lado...) e as digressoras (*por cierto*, *a propósito...*) (como é óbvio, a propósito...).

b) As conectoras que, por sua vez, divide em três subtipos: aditivas (*además*, *aparte*, *incluso...*) (além disso, à parte, inclusivamente...), consecutivas (*en consecuencia*, *de ahí...*) (consequentemente, daí...) e contra-argumentativas (*en cambio*, *antes bien...*) (em contrapartida, seria melhor...).

c) Aquelas a que chama reformuladoras; com quatro subtipos: explicativas (*es decir*, *esto es...*) (isto é, ou seja...), de rectificação (*mejor dicho*, *más bien...*) (melhor dizendo, ou melhor), de distanciação (*en cualquier caso*, *de todos modos...*) (em qualquer caso, seja como for...) e recapitulativas: *en suma*, *en definitiva...* (em suma, em conclusão...).

d) Operadores argumentativos; com dois subtipos: os de reforço argumentativo (*en realidad*, *de hecho...*) (na realidade, de facto...) e os de concreção (*por ejemplo*, *en concreto...*) (por exemplo, em concreto).

e) Marcadores conversacionais (de controlo de contacto), por sua vez com quatro subtipos: de modalidade epistémica (*claro*, *por supuesto*, *desde luego...*) (Claro, como é evidente, desde logo...), de modalidade deontica (*bueno*, *bien*, *vale...*) (Bom, bem, está certo...), enfocadores de alteridade (*hombre*, *mira*, *oye*, *vamos*, *verás...*) (Eh pá, olha, ouve, vais ver...), metadiscursivos oracionais (*bueno*, *eh*, *esto*, *ya...*) (bom, eh, isto, já...).

Os marcadores de controlo de contacto ou vocativos e sua função

No que diz respeito ao último grupo dos expostos, Pons (2000 p. 16) assinala que este tipo de marcadores:

“[...] do ponto de vista interactivo marca a relação entre os participantes e, além disso, utiliza-se como marca que sugere a importância de o ouvinte processar o fragmento seguinte (controla o contacto)”.

Temos de salientar que actualmente existem diferentes acepções dos marcadores de controlo de contacto, mas, neste trabalho, referimo-nos basicamente aos denominados “enfocadores de alteridade”.

Entre as partículas que desempenham as supracitadas funções contam-se o vocativo que, como refere Dini (1996 p. 57): “graças à sua função marcadora e de enfoque, pode chegar a ser incluído entre os marcadores pragmáticos”; opinião partilhada por Bañón (1993 p. 26), Fludernik (1995), Brinton (1996), Leech (1999 p. 108) e Cuenca (2004 p. 41), entre outros. Por outro lado, do ponto de vista da interacção, o vocativo, como elemento apelativo-relacional, tem grande importância estratégica (Calsamiglia e Tusón, 2001. 144). Assim, os vocativos, como apelativos que são, pressupõem um recurso comunicativo para estabelecer e manter o contacto e, por vezes, para expressar afecto (Fuentes, 1990 p. 15).

Em resumo, o vocativo incide na relação dos falantes: inicia, estabelece e reforça os laços sociais e, como indica Rigatuso (2007 p. 81), é:

“[...] marca clara da inserção do destinatário no texto com várias funções comunicativas no nível da estrutura interaccional, na organização e mecânica do discurso, na construção de identidades individuais e sociais individualidades, na expressão das relações interpessoais dos falantes.”

Neste trabalho ocupar-nos-emos exclusivamente de um grupo de vocativos, também denominados marcadores discursivos *reguladores fático-apelativos*, ou de controlo de contacto (CC), na linguagem da juventude de Madrid e de Buenos Aires a partir de uma perspectiva contrastiva, ou seja, a partir de usos reais como aqueles que são apresentados a seguir:

(1) *tía*, es que eres una borde, tía, es que te pasas mazo, tía (MALCE3J06)¹

(2) las indirectas hay que tirarlas medio así, *boludo* (BAB-SUG01)

Como teremos oportunidade de observar, os jovens madrilenos e buenaienses utilizam os marcadores de controlo de contacto com uma clara função fática, ou seja, com a intenção de captar a atenção para terem a certeza de que estão a ser ouvidos, o que contribui para estabelecer e dinamizar a inter-relação comunicativa. Neste sentido, a sua função coincide com aquela que Fuentes (1990 p. 15) atribui a determinados apelativos do espanhol padrão, na medida em que são um recurso meramente social para estabelecer e manter o contacto e, por vezes, mesmo para expressar afecto. Além disso, os marcadores (CC)

constituem um traço característico da interacção de um determinado grupo populacional, assim como da zona geográfica em que são usados.

Dimensão sócio-dialectal dos marcadores

Podemos dizer que a dimensão dialectal e social dos marcadores² (e dos seus diferentes subtipos, em particular) representa uma interessante área de desenvolvimento no âmbito dos estudos do Discurso. Nas últimas décadas a análise contrastiva tem vindo a ganhar terreno em domínios como a Pragmática e a Análise do Discurso, destacando aspectos comuns e determinadas diferenças de uso dialectal, aquilo que Schneider e Barron (2008) designam por “intralingual pragmatic variation”. Por isso, no âmbito da língua espanhola, contamos hoje em dia com trabalhos sobre marcadores do discurso, de carácter dialectal e sóciolectal: Obregón (1985) centrado nos marcadores interaccionais no espanhol da Venezuela; Cortés (1991) sobre os marcadores utilizados em León; Fuentes (1993) faz um estudo sobre os marcadores utilizados em Sevilha, e Poblete (1998 e 1999) realiza um estudo sobre os marcadores em Valdivia (Chile). Por outro lado, encontramos estudos de carácter sociolinguístico como o realizado por San Martín (2011) sobre os marcadores interrogativos de controlo de contacto no *corpus* PRESEA de Santiago de Chile, ou o realizado por Rabanales e Contreras (1995) sobre as funções das muletas nos diálogos informais, trabalho no qual chegam à conclusão de que os homens e os jovens são os que têm mais tendência para utilizar os referidos marcadores.

Ao mesmo tempo, a análise dos marcadores e das funções que estes podem desempenhar num determinado grupo populacional constitui um fenómeno de variável sociolinguística³. Não obstante, e apesar das limitações que foram impostas ao estudo variacionista⁴ dos marcadores do discurso, a variabilidade dos mesmos não está posta em causa, pois, como refere Cortés (1991 p. 152):

“Qualquer escolha de um marcador, tal como a de qualquer outro fenómeno fónico, gramatical ou léxico, tanto pode ser condicionada por uma série de circunstâncias estilísticas – registos mais ou menos formais –, como pela pertença do falante a um determinado grupo sociocultural – nível de cultura, idade, sexo –, ou ainda pela modalidade – oral, escrita, etc.”

¹ Com códigos como MALCE3J06 faz-se referência aos seguintes dados: com MA (gravação realizada em Madrid); LCE (refere-se ao colégio onde se realizou a gravação, o que permite discriminar a classe social dos falantes); 3 (com este dado faz-se referência ao nível de estudos dos estudantes – neste caso 3 do Ensino Secundário Obrigatório; J (é o código para «rapariga», o G identifica os rapazes); por último, 06 indica que o falante é a sexta pessoa que aparece na gravação de referência. Não obstante, podem ver-se todos estes códigos e o seu significado na página web do *Proyecto Cola* (www.colam.org).

² Uma revisão crítica sobre os estudos dedicados à variação social e dialectal dos marcadores pode ver-se em Carbonero e Santana (2010).

³ Moreno Fernández (1990 p. 19) define a variação linguística como «o uso alternado de formas diferentes de dizer o mesmo. Pode ser encontrada em praticamente todos os níveis da língua, desde o mais concreto (fonético-fonológico) ao mais amplo (discurso, por exemplo), passando pela gramática e pelo léxico».

⁴ Consultem-se os trabalhos de Labov (1978 e 1983) e Sankoff (1988).

Apesar de tudo, e tendo consciência da necessidade de uma análise minuciosa semântico-pragmática, devido à polifuncionalidade de muitos marcadores, este autor termina concluindo que o estudo variacionista destes é possível sempre que realizem as mesmas funções, o que pressupõe dificuldades notáveis. Se tivermos em conta que as muletas ou marcadores conversacionais são fenómenos universais típicos da língua falada, não é de estranhar – como refere Portolés (2002 p. 1) – que as referidas partículas variem de uma comunidade de fala para outra:

“A utilização de partículas como *por tanto*, *en suma*, *en fin* e outros marcadores discursivos apresenta variações evidentes em diferentes zonas dialectais do espanhol e para conhecer e registar estas diferenças devem-se impulsionar estudos comparativos.”

Estimulados por estas palavras, empreendemos a comparação dos marcadores discursivos (CC) na linguagem da juventude de Madrid como *tío/a*, *tronco/a*, *chaval*, *hijo/a* com os de Buenos Aires: *boludo/a*, *nene/a*, *chico/a*, *loco/a*. Vários autores já referiram que os jovens interagem de maneira diferente da dos adultos (Catalá, 2002; Rodríguez, 2002b; Stenström & Jørgensen, 2008) porque, através de traços linguísticos como os que são tratados neste caso, tanto procuram fortalecer a identidade grupal como distanciar-se da linguagem dos adultos.

Por outro lado, as intervenções realizadas no âmbito da linguagem da juventude estão marcadas por um forte dinamismo; consequentemente, produz-se um rápido ajuste devido, entre outros motivos, à planificação instantânea que caracteriza o registo coloquial (Ochs e Schieffelin, 1979; Briz, 1995). Outra das características é a alternância de turnos entre os interlocutores, que faz com que o falante utilize umas determinadas marcas de finalização e de selecção das características do interlocutor, como se observa nos *marcadores* (CC) presentes nos exemplos (3) e (4) de Madrid:

(3) *tía*, todo el mundo ve el micrófono y se ponen a cantar, *tía* (MALCEJ02)

(4) es que, como soy así, no, *tronca*,... (MAORE2J01)

comparáveis aos utilizados na linguagem da juventude de Buenos Aires (5) a (6):

(5) lo que pasa es que hoy viene una mina, *boludo* (BAB-SU2J01)

(6) ésta es la que usaste ayer, *boludo* (BABSU2G02)

A linguagem da juventude e determinados marcadores (CC) ou vocativos

Alguns estudos dedicados aos jovens como grupo social fizeram referência à insegurança geral que estes revelam perante determinadas circunstâncias, entre elas a utilização que fazem da linguagem, provavelmente devido à

sua falta de maturidade como indivíduos (Rodríguez, 2002a p. 112). Além disso, e tal como sucede na linguagem coloquial entre adultos, determinados apelativos e marcadores constituem para os jovens um recurso para estabelecerem e manterem o contacto e, por vezes, para expressarem afecto:

“[...] é óbvio que as manifestações linguísticas dos jovens, quando falam entre eles, se produzem fundamentalmente de forma oral em conversas informais e espontâneas que não têm uma finalidade específica nem determinada porque servem, sobretudo, para reforçar o contacto social e as relações interpessoais existentes.” (Herrero, 2002 p. 69)

Isto parece favorecer o facto de recorrerem a registos intensos para se expressarem (Eckert, 1988 p. 198; 2003 p. 112). Serve de amostra o seguinte exemplo do *corpus* de Madrid:

(7) un poco no sé *tía*, a mí es que desde luego, o sea que (MAORE3J01)

Por outro lado, parece ser possível afirmar que os jovens estão constantemente a apelar à atenção do seu interlocutor através da utilização dos vocativos como “[...] chamadas de atenção para manter ou comprovar o contacto; ou como fórmulas exortativas ou apelativas que implicam activamente o interlocutor(es)” (Briz, 1998 p. 224). Além disso, desperta a atenção a grande criatividade dos jovens e o seu distanciamento das normas quando convertem substantivos como: *tronco*, *tío*, *colega*, *nene*, *chico* e adjetivos como *boludo*, *loco*, etc. em vocativos (marcadores conversacionais CC). Este facto parece ir ao encontro daquilo que Carricaburo (1997 p. 50) notou: “Os nomes e vocativos concentram-se nuclearmente no eixo do poder ou da solidariedade, no âmbito da intimidade ou fora dela”; ponto de vista também partilhado por Cuenca, (2004 p. 51) ao referir-se aos vocativos:

“[...] (tío/tía) perderam o valor referencial e passaram a usar-se como muletas com um valor puramente pragmático de indicador de relação e sinal de pertença a um grupo, geralmente o das gerações mais jovens.”

Alonso Cortés (1999 p. 4040), por seu turno, também refere aquilo que acontece com este tipo de vocativos em castelhano.

“[...] também se marca a informalidade evitando o tu e substituindo-o por substantivos como *tronco*, *chavalote*, *primo*, *pibe*, *cuate*, *niña*, *nene*, etc. Estas formas de tratamento identificam quem fala e quem ouve como pertencentes a um grupo próprio, diferente de outros, como um grupo de jovens, amigos, familiares, colegas, profissionais, etc.”

O Corpus Oral de Linguagem Adolescente, COLA

Até há pouco tempo um dos problemas que afectou a maior parte dos estudos realizados sobre a linguagem da

juventude foi a dificuldade em recolher dados fidedignos desta interacção tão particular e evitar contaminações resultantes de múltiplos factores que podiam invalidar a informação obtida (Zimmermann, 2002 p. 145). Dado que a linguagem da juventude é uma expressão específica de um grupo, ou seja, um jargão cujo fim é a comunicação, ao mesmo tempo que se reforça o carácter grupal, é necessário dispor de um *corpus* para o seu estudo. Neste sentido, Herrero (2002 p. 69) está certo ao referir que:

“[...] é óbvio que as manifestações linguísticas dos jovens, quando falam entre eles, se produzem fundamentalmente de forma oral em conversas informais e espontâneas que não têm uma finalidade específica nem determinada porque servem, sobretudo, para reforçar o contacto social e as relações interpessoais existentes.”

Neste contexto, e atendendo às premissas mencionadas, desenvolveu-se o denominado projecto Corpus Oral da Linguagem Adolescente (COLA), dirigido pela Dra. Jørgensen, da Universidade de Bergen, cujo objectivo é recolher conversas espontâneas em linguagem dos jovens das principais capitais do mundo hispânico. No *interface* do (www.colam.org) são apresentados os enunciados transcritos ortograficamente associados às vozes dos falantes, o que permite atribuir o contexto adequado aos enunciados a fim de interpretar correctamente a função que desempenham no referido contexto. Por agora, o citado *corpus* tem 350 000 palavras transcritas do espanhol dos jovens de Madrid e 100 000 dos de Buenos Aires. Para levarmos a cabo a nossa análise contrastiva dos marcadores de controlo mais utilizados tomámos como base de análise 100 000 palavras de cada *corpus*. Para homogeneizarmos os dados com outros trabalhos, também recorremos à frequência com que aparecem por cada mil palavras (pmp).

Os falantes estão registados anonimamente através da troca de nomes, lugares ou qualquer dado que permite identificá-los. Aqueles que levaram gravador puderam recolher os dados dos falantes que participaram na conversa: a idade, sexo, língua materna, etc. Além disso, estes indicaram a profissão dos pais, o bairro onde vivem, a relação de amizade ou parentesco com o informante principal, etc., para assim se poder inseri-los no contexto social adequado e efectuar estudos contrastivos com os dados adquiridos.

Durante as primeiras gravações surgiu sempre uma dúvida: em que medida pode ser considerada espontânea uma conversa entre jovens que sabem que estão a ser gravados. Não obstante, alguns teóricos salientaram que uma conversa gravada torna-se natural passados cinco minutos porque os interlocutores tendem a esquecer que estão a ser gravados (Donohue, 1984; Fant, 1992). A nossa impressão –

tanto pelos temas tratados e pela maneira de os tratar, como também pelo facto de nestas conversas não estarem presentes adultos – é que estamos perante uma interacção espontânea e natural, que podemos caracterizar como conversas espontâneas coloquiais prototípicas (Briz, 2001 p. 41).

Os marcadores CC no discurso dos jovens de COLA

As conversas em linguagem de juventude recolhidas no *corpus* COLA tratam de temas triviais: relações entre namorados, bebidas, saídas à noite, professores, escolas, etc. No que diz respeito às particularidades da referida linguagem, Rodríguez (2002a p. 23) indica que “são os jovens que exibem uma maior utilização de muletadas e um estilo verbal menos qualitativo (menos adjetivos e mais verbos) e, portanto, mais pobre em vocabulário”, o que favorece a proliferação do uso dos marcadores e vocativos nas suas conversas. Com efeito, o nosso estudo corrobora o uso frequente dos marcadores que são objecto de estudo: *tía/o*, *tronca/a*, *chaval/a* e *hijo/a* em Madrid e *boluda/o*, *nene/a*, *chico/a*, *loco/a* em Buenos Aires.

Os marcadores CC na linguagem da juventude de Madrid

A primeira observação que se faz da nossa análise é que o marcador discursivo CC mais utilizado na linguagem dos jovens de Madrid é *tío/a*, com um total de 713 correspondências; 7,13 por mil palavras (pmp). Para ilustrar aquilo que referimos transcrevemos alguns dos casos recolhidos⁵:

(8) porque, es que si no es que, *tía*, dice mi madre no sé qué, te compré un bolso (MAORE2J03)

(9) *tío*, me molan mazo los pantalones... (MALCE2J08)

Tronco/a apresenta uma frequência um pouco inferior: 202 casos; 2,02 (pmp):

(10) es bobería ir, *tronca*, bobería, bobería (MAORE2J03)

(11) jo, yo lo que he notado este año lo que he vivido en este año, *tronca*, ha sido un **montón de cambios** en mí (MAMTEJ03)

Chaval/a também está presente entre os exemplos do *corpus* com 105 casos. A utilização da forma masculina é muito mais frequente (1,05 pmp) do que a da feminina (0,01 pmp):

(12) a ese chico hace mazo que% de tiempo que no le veo, *chaval* (MABPE2J01)

(13) me mandas un mensaje “hola estoy en el camino” gracias, *chavala* (MAESB2J02)

⁵ Para uma observação mais exacta da frequência de utilização do marcador discursivo *tío/a* e *tronco/a*, assim como da sua origem, consulte-se Jørgensen (2008), e Jørgensen e Martínez (2009).

O marcador *hijo/a (de) puta* é utilizado 21 vezes. Destas, 10 na forma masculina (0,1 pmp,) e 11 na forma feminina *hija (de) puta* (0,11 pmp):

- (14) que... pero tú no eres pelu pero tú no eres peluquero, *hijo de puta* (MALCE2J03)
 (15) mejor que te esperes ¡puta que tajcomido medio bollo, *hija de puta!* (MABPE2G01)

A frequência de utilização e a sua proporção por mil palavras dos quatro vocativos da linguagem dos jovens do corpus COLA Madrid foi recolhida na seguinte tabela.

Tabela 1. Marcadores CC da linguagem da juventude do corpus COLA (Madrid).

Table 1. Discourse markers in the teenage-talk in the COLA (Madrid) corpus.

Marcadores CC COLA (Madrid)	Número	Por 1000 pal (pmp)
tía	484	4,84
tío	229	2,29
tronco	140	1,40
tronca	62	0,62
chaval	104	1,04
chavala	1	0,01
hijo de puta	10	0,1
hija de puta	11	0,11
Total	1.042	10.42

Distribuição dos marcadores de CC por sexo em COLA (Madrid)

A utilização dos nossos marcadores em função da variável sexo está patente na tabela 2:

Como se observa, a distribuição dos referidos marcadores não é uniforme nos dois sexos. Os marcadores *tío/a* e *tronco/a* são os preferidos pelas raparigas, ao passo que *chaval/a* e *hijo/a de puta* são utilizados maioritariamente pelos rapazes.

Posição dos marcadores CC em COLA (Madrid)

Como já foi referido, o grupo de marcadores a que nos estamos a referir tanto pode aparecer no início, no meio ou no final do enunciado.

- (16) joder *tronco* / que pasa que me tiene que tocar a mi siempre la... (MALCC2G04)
 (17) para qué quieres agua *tronco* \ mejor la cerveza más buena (MAMTE2G01)
 (18) pero qué dices *tronco* (MALCE2G01)

Vários autores, como Gili Gaya (1961), Fuentes (1990) ou Leech (1999), esforçaram-se por determinar as funções destas partículas tendo em conta a sua posição no enunciado. De acordo com a análise dos nossos dados, a posição ocupada no nosso corpus de referência pelos diferentes marcadores é a seguinte:

Atente-se nas particularidades de utilização de cada marcador tendo em conta a sua posição no enunciado. Assim, enquanto *tío/a*, o mais utilizado quantitativamente, apresenta valores semelhantes para as posições de início e de final, a sua utilização em posições intermédias é bastante

Tabela 2. O marcador de CC segundo o sexo no corpus COLA (Madrid)

Table 2. The discourse markers according to gender in the COLA (Madrid) corpus

Marcadores CC (Madrid)	Por 1000 pal (pmp)	Nº Total	Distribuição por sexo	
			Masculino	Feminino
tío	2,29	229	31,1%	68,9%
tía	4,84	484	6,6%	93,4%
tronco	1,4	140	56,3%	43,7%
tronca	0,62	62	14,6%	85,4%
chaval	1,04	104	68,5%	31,5%
chavala	0,01	1	62,5%	37,5%
hijo de puta	0,1	10	78%	22%
hija de puta	0,11	11	76,9%	23,1%

Tabela 3. Distribuição das posições dos marcadores CC nos enunciados de COLA (Madrid)**Table 3.** Distribution of the positions of the discourse markers in the COLA (Madrid) sentences

Distribuição das posições dos marcadores CC nos enunciados de COLA (Madrid)				
Posição:	Início	Meio	Final	Total
Tía/tío	284	153	276	713
Tronca/tronco	12	114	76	202
Chaval/a	25	5	75	105
Hijo/a	5	10	6	21
Total	326	282	433	1.041

mais reduzida. No caso de *tronco/a* a situação muda consideravelmente: a sua utilização mais frequente é na posição intermédia, e notável na posição final. Em posição inicial a sua utilização é quase residual (8% do total). Acontece quase o contrário daquilo que acabamos de expor com *chaval/a*: é residual a sua posição a meio do enunciado (< 5%), ao passo que a sua maior utilização ocorre no final. O seu uso em posição inicial ronda os 25%. A utilização de *tronco/a* como marcador é bastante limitada quando comparada com os anteriores, embora apresente a particularidade de ser usado maioritariamente em posição intermédia.

Os marcadores CC da linguagem da juventude de Buenos Aires

Os quatro marcadores do tipo que nos ocupa que se encontram com mais frequência no *corpus* da linguagem da juventude de Buenos Aires são: *boludo/a*, *nene/a*, *loco/a*, *chica/o*. O primeiro apresenta um elevadíssimo índice de frequência em relação a todos os outros: 608 (6,08 pmp):

- (19) la peor parte la de los pañuelos, *boludo* (BABAB8J03)
 (20) vos no te vas a poner un vestido largo, *boluda* (BABAB7J01)

Nene (0,56 pmp) e a sua variante *nena* (0,8 pmp) aparecem 136 vezes ao todo:

- (21) no, *nena* no sale nadie en la televisión. (BABAB9J01)
 (22) ay, pensás en el hijo de mierda, *nene* (BABAB9J03)

Chico/a como marcador de discurso CC não aparece no singular no nosso *corpus*. No entanto, no plural contam-se 71 casos (0,71 pmp):

- (23) sí, dale *chicas*, y qué mamá nos lleva\ (BABSU2J01)
 (24) *chicos*, no hagan eso porque si no se v% se van a dar cuenta (BABSU2J02)

Há poucos casos, 16 no total, de *loco* (0,08 pmp) e *loca* (0,03 pmp) como marcador de controlo de contacto:

- (25) bueno, tres no me va a importar, buuh, *loca* (BABSG2G01)
 (26) tá ¡no jodas con los pies, *loco!* (BABSU2G01)

Na tabela 4 apresentamos o resumo daquilo que acabámos de expor:

Distribuição dos marcadores CC por sexo em COLA (Buenos Aires)

Prestando atenção à utilização dos marcadores em função do sexo do falante é possível fazer várias observações:

- a) Os rapazes utilizam frequentemente a forma masculina *boludo*, mas são muito mais reservados na utilização da forma feminina, *boluda*. Em contrapartida, entre elas, as raparigas utilizam com muita frequência a

Tabela 4. Utilização dos diferentes marcadores CC em COLA (Buenos Aires).**Table 4.** Use of the different discourse markers in COLA (Buenos Aires).

Marcadores CC de COLA (Buenos Aires)	Quantidade total	Por 1000 palavras
boluda	316	3,16
boludo	292	2,92
nena	80	0,8
nene	56	0,56
chicas	40	0,4
chicos	31	0,31
loca	3	0,03
loco	8	0,08
Total	826	8,26

Tabela 5. O marcador de CC segundo o sexo no *corpus* COLA (Buenos Aires)**Table 5.** The discourse marker according to gender in the COLA corpus (Buenos Aires)

Marcadores CC (Buenos Aires)	Por mil palavras	Total	Distribuição por sexo	
			Rapazes	Raparigas
boluda	3,16	316	12,1%	87,9%
boludo	2,92	292	94,2%	5,8%
nena	0,8	80	90%	10%
nene	0,56	56	0	100%
chicas	0,4	40	0	100%
chicos	0,31	31	4,5%	95,5%
loca	0,03	3	100%	0
loco	0,08	8	76,7%	33,3%
Total	8,26	826		

forma feminina e em muito menor grau a masculina (com a qual devem dirigir-se aos rapazes).

b) No que diz respeito a *nene/a*, cabe salientar a elevada frequência com que os rapazes utilizam *nena* (quando se dirigem às raparigas dirigirse), o que contrasta com a inexistência de casos de *nene* entre os rapazes. As raparigas usam frequentemente *nene* (para se dirigirem aos rapazes), mas muito raramente *nena* para se dirigirem a outras raparigas.

c) O nosso *corpus* carece de exemplos com *chica/o*, o que não sucede no plural. Não aparecem exemplos de rapazes a usar *chicas* e é baixa a proporção de *chicos* quando os rapazes falam uns com os outros. A baixa frequência deste marcador entre os rapazes contrasta com a maior utilização entre as raparigas.

d) Por último, embora *loco/a* se tenha revelado pouco frequente quando comparado com os outros marcadores, é interessante observar que na sua maioria é utilizado pelos rapazes, tanto para se dirigirem a um sexo como ao outro, ao passo que as raparigas o utilizam sobretudo para se dirigirem aos rapazes. Estas observações estão patentes na tabela 5.

Posição dos marcadores CC em COLA (Buenos Aires)

No que diz respeito à posição que adoptam os quatro marcadores nos enunciados onde verifica-se uma grande disparidade. Assim, *boludo/a* surge em posição final em 70% dos casos, quase 29% ao início e muito residualmente (1%) no meio. No caso dos marcadores

nena/e e *chicos/chicas*, a sua utilização posicional está mais equilibrada, embora predomine na posição inicial. O marcador *loco/a* situa-se predominantemente no final do enunciado; os casos de utilização em posição inicial e intermédia são residuais e/ou nulos, respectivamente. A informação encontra-se recolhida sucintamente na tabela 6.

Análise dos dados e discussão

Antes de mais, cabe destacar que os jovens da Península Ibérica hacen un mayor uso dos marcadores de controlo de contacto, pelo menos tendo em conta as quatro partículas mais usadas em cada uma das zonas analisadas: 1042 em Madrid contra 864 em Buenos Aires. Esta pri-

Tabela 6. As posições dos marcadores de CC no *corpus* COLA (Buenos Aires) no enunciado.**Table 6.** The positions of the discourse markers in the COLA (Buenos Aires) sentences.

Marcador	Início	Meio	Final	Total
<i>Boludo/a</i>	170	8	430	608
<i>Nena/e</i>	81	7	48	136
<i>Chicos/as</i>	29	19	23	71
<i>Loco/a</i>	2	0	9	11
Total	282	34	510	826

meira observação parece ir ao encontro daquilo que Briz (2008 p. 60) escreveu: “O espanhol de algumas zonas de Espanha pertence a uma cultura de mais aproximação do que o de outras zonas de América”, e não há dúvida de que uma das manifestações pode ser um maior número de marcadores de controlo de contacto⁶.

Devido às características da linguagem que conforma o *corpus*, trata-se de linguagem oral e coloquial (pelo índice de familiaridade, ao tratar-se de amigos e colegas de curso), não nos chama a atenção o facto de os quatro vocativos mais utilizados na linguagem dos jovens das duas cidades se circunscreverem à categoria de familiares.⁷ Este tipo permite a comunicação com interlocutores com os quais se está muito familiarizado num determinado grupo, mas também pode ser usado quando, mantendo certos traços comuns (como, por exemplo, a pertença a um grupo geracional), a relação interpessoal não é tão estreita. Este assunto já foi observado por Zwicky (1974) que referiu que os vocativos pressupõem marcas sociolinguísticas que denotam uma série de pormenores relativos à pessoa à qual o emissor se dirige, assim como a sua opinião em função das características deste (idade, sexo, etc.).

Embora a análise se centre em quatro marcadores, os quatro mais utilizados em cada cidade na esfera juvenil, há alguns que se destacam pelo seu elevado índice de frequência: *tío/a* e *tronco/a* no espanhol de Madrid (representam mais de 80% dos marcadores CC utilizados no *corpus*), enquanto no espanhol de Buenos Aires se destaca especialmente *boludo/a*, que representam cerca de 70% do total das utilizações.

Em relação à distribuição por sexos, a situação do espanhol de Madrid apresenta as seguintes particularidades:

1) A utilização do marcador *tío/a* é muito mais comum entre as jovens, tanto para se referirem ao género masculino (68,9%) como ao feminino (93,4%).

2) A utilização de *tronco/a* apresenta um maior equilíbrio de uso entre os dois sexos, embora chame a atenção o facto de os representantes de cada sexo os utilizarem maioritariamente para se referirem a indivíduos do seu próprio sexo. Isto pode ser explicado pelo facto de transparecer um certo valor afectivo negativo (que se prende com a origem do próprio marcador), nos casos em que é utilizado fora do grupo de um mesmo género.

3) *Chaval/a* é um marcador utilizado sobretudo pelos rapazes (cerca de dois terços do total). O último, *hijo/a (de) puta*, representa cerca de 2% dos marcadores e é proferido maioritariamente pelos rapazes (quase 80% das utilizações). De acordo com Bañón (1993) e Costa (2008),

isto pode explicar-se pelo facto deste tipo de vocábulos constituir um tipo de vocativos axiológicos negativos com valor positivo quando ocorre uma inversão contextual do seu sentido; inversão que costuma ser favorecida pela particular inter-relação social dos rapazes.

A distribuição por sexos entre os marcadores bue-naireses também suscita dados dignos de comentário:

1) O marcador *boludo/a* é maioritário, com a particularidade de cada sexo o utilizar preferencialmente com interlocutores do seu próprio sexo.

2) Um caso semelhante, mas no sentido inverso, é aquele que se observa com *nene/a* pois os rapazes não utilizam a forma feminina, ao passo que as raparigas utilizam quase exclusivamente a forma masculina (*nene*).

3) Curiosamente, o marcador *chicos/as* não aparece uma única vez no singular no material analisado. Além disso, ao que parece, é um marcador conversacional de uso quase exclusivamente feminino, ou seja, são as raparigas que o utilizam quando se dirigem a indivíduos de ambos os sexos.

4) O marcador *loco/a* é usado maioritariamente pelos rapazes e dirige-se a ambos os sexos. Embora haja algumas utilizações por parte das raparigas, estas destinam-se exclusivamente a pessoas do sexo masculino.

Da breve exposição do material recolhido para a análise destacamos vários factos dignos de consideração:

a) O sexo de quem profere o enunciado tem uma relevância enorme quando se utilizam os marcadores. Assim, no caso de Madrid, é maioritário entre os rapazes *chaval/-a* e *hijo/-a (de) puta*, ao passo que *tío/-a* y *tronco/-a* são maioritários entre as raparigas. Em contrapartida, em Buenos Aires, e apesar de as utilizações estarem mais equilibradas no que diz respeito a sexos, há um marcador que é utilizado quase exclusivamente pelo sexo feminino (*chicos/-as*).

b) Chama especialmente à atenção o uso que os jovens fazem dos marcadores em função do sexo do interlocutor. Assim, é de salientar que as raparigas de Madrid utilizam mais *tía* e *tronca* e em menor grau *tío* e *tronco*. No caso de Buenos Aires esta diferença de utilização em função do sexo do interlocutor é mais marcada do que em Madrid. Com efeito, embora o marcador *boludo/-a* seja utilizado por jovens de ambos os sexos com uma frequência semelhante, as raparigas utilizam-no 87,9% no feminino, *boluda* (para se dirigirem a outras raparigas), e 5,8% para se dirigirem aos rapazes. Pelo contrário, os rapazes utilizam este marcador 94,2% na sua forma masculina contra 12,1% na forma feminina. Ao que parece, no caso do marcador *nene/-a*, as raparigas utilizam-no quase

⁶ Cabe assinalar que a tendência para a utilização de vocativos é elevada no espanhol da Península Ibérica. Ao comparar os vocativos da linguagem da juventude inglesa e espanhola viu-se que os jovens de Madrid usam 6.1 marcadores CC por cada mil palavras (pmp), ao passo que os jovens de Londres usam 1.3 pmp (Stenström e Jørgensen, 2008).

⁷ Longman Grammar (1108-9) estabelece nove categorias de vocativos, tomando como critérios para a referida estruturação tanto as características formais do próprio vocativo como o nível de relação entre os interlocutores.

exclusivamente na forma masculina (*nene*), ao passo que os rapazes o utilizam de maneira oposta (*nena*).

É necessário referir que os comportamentos linguísticos e as tendências de utilização na linguagem dos jovens são determinados pela sociedade e pelo papel que o indivíduo nela desempenha. Como observa Henne (1986 p. 208): “a linguagem da juventude pressupõe uma linguagem padrão, transforma-a de maneira criativa e, ao mesmo tempo, torna-a estereotípica”. Para este autor, os jovens não têm um papel definido, estão numa fase de transição entre o mundo infantil e o mundo adulto, na qual a brincadeira ainda ocupa muito espaço e, das brincadeiras, resulta uma grande espontaneidade e criatividade. Não obstante, as diferenças ou preferências por umas formas ou por outras entre jovens de ambos os sexos podem ser determinadas pela sua condição de pertença ao grupo; no entanto, ainda ficam muitas lacunas por preencher no momento em que é preciso determinar como se constrói discursiva e linguisticamente a identidade de género dos indivíduos, como a referida identidade se desloca e reposiciona através da interacção comunicativa e como esta identidade de género entra em colisão com outros agentes identitários, como a classe social, o grupo étnico, etc. No que respeita às particularidades que acabamos de mencionar, a explicação talvez possa ser procurada nas conotações ou evocações semânticas que os vocativos tratados ainda possam manter de utilizações anteriores (como substantivos ou adjetivos), capazes de provocar alguma repulsa em função de vários factores como a pessoa que os profere, o interlocutor a quem se destinam, o contexto, a inter-relação com outros agentes ou grupos identitários, etc. Com efeito, e para dar um exemplo, temos o caso dos rapazes argentinos utilizarem frequentemente *boludo* (no masculino) e raramente *boluda*. Ao mesmo tempo, as raparigas utilizam com mais frequência a forma feminina e em pouquíssimos casos a masculina; isto pode dever-se às conotações que ainda possam persistir em “*boludo*” (também “*pelotudo*”) e a uma certa associação com o órgão sexual masculino.

Pelo contrário, no âmbito das relações de grupo pudemos cotejar que tanto os jovens madrilenos como os buenaienses utilizam os vocativos recolhidos, tanto entre membros com uma relação muito estreita como nos casos de um maior distanciamento, o que mostra que, para lá da relação de amizade, o uso destes vocativos corresponde mais à pertença de grupo geracional. Por outro lado, é digna de nota a baixíssima frequência com que os jovens abrangidos no nosso estudo utilizam como vocativo o nome próprio do interlocutor. Este facto contrasta com os resultados obtidos por Emihovich (1981) que constatou, depois de estudar o comportamento linguístico de um grupo de jovens americanos, que estes utilizam constantemente os seus nomes, mesmo naquelas interacções em que o objectivo não era, pelo menos prioritariamente, nem chamar a atenção (*summoning attention*) nem identificar o interpelado (*addressee-identification*). Assim, chega à

conclusão que os jovens americanos utilizam o nome próprio para manterem a relação de solidariedade e amizade com base na qual se sustenta o grupo, o que lhes permite discriminar mediante o uso dos vocativos o diferente grau de amizade entre quem fala e quem ouve.

Contrariamente àquilo que acabamos de referir, os vocativos estudados no âmbito juvenil do mundo hispânico possuem outras conotações. Com efeito, pudemos constatar determinadas preferências em função da relação de amizade que media entre os interlocutores. No caso de Madrid, os vocativos são usados entre jovens unidos por uma certa amizade e que pertencem ao mesmo grupo; no entanto, quando se junta à conversa um jovem que não pertence ao grupo utiliza-se normalmente *tío* e em menor grau *tronco*. No caso do espanhol de Buenos Aires, parece ser *boludo/-a* o vocativo menos marcado, o que permite a sua utilização por jovens que não estão ligados por uma forte relação de amizade.

Outra das questões que a análise permitiu recolher é a da posição no enunciado dos vocativos tratados. Estes podem aparecer no início, no meio ou no final do enunciado. Vejamos alguns exemplos do primeiro tipo:

- (27) *tía*, pues yo lo escucho, yo lo escucho (MALCE2J03)
- (28) *tronco* a mí me da muermillo estas cosas, también de una canción (MALCC2G02)
- (29) *chaval*, a la play, y de repente cuando la voy a coger hizo pah (MALCC4G01)
- (30) *boluda*, así no lo quiero hacer (BABSU2J02)
- (31) *nene*, no se me va a caer (BABSU2J01)
- (32) *chicos*, me voy a la mierda; *boluda*, me estás jodiendo (BABAS4J01)

Outras vezes o vocativo surge a meio do enunciado:

- (33) Te hemos pillado, *tío*, vas a ir a la cárcel (MALCE2G02)
- (34) Pero y qué, *tronco*, o sea y y y llegabas y te reías de ella... (MAMTE2J02)
- (35) pensaba que estaba abierta, *chaval*, y digo joder... (MAMTE2J05)
- (36) Qué querés que haga, *boludo*, cómo querés hacer la o... (BABSU2G01)
- (37) No lo digas vos, *nene* porque se escucha te aviso (BABSU2J01)
- (38) y a mí qué que la gente tiene que trabajar, *loco*, tienen que trabajar para mí, no mentira (BABSG2J02)

Alguns exemplos de posição final:

- (39) Espérate estoy buscando uno, ella sí, ya yo también me estuve hablando con ella, *tío* (MALCE3G20)
- (40) Trece años, yo creía que tenía dieciséis o por ahí, *chaval* (MALCE2J01)
- (41) pero adónde vas con ese pase, *tronco* (MALCC4G01)
- (42) Pasalo más alto, *boludo* (BABSU2G01)
- (43) Eso es, habló con la hermana y la hermana le dijo: sos una estúpida, *nena* (BABSU2J01)
- (44) ¡Ta!, no jodas con los pies, *loco* (BABSU2G01)

Para analisarmos os nossos dados tomaremos como referência o exposto por Leech (1999). Este autor

retoma as duas funções que Schegloff (1968) e Zwicky (1974) tinham atribuído aos vocativos e acrescenta-lhes uma terceira, pelo que a lista fica da seguinte maneira:

- (a) Chamar a atenção
- (b) Identificar o interpelado
- (c) Manter e reforçar as relações sociais

No entanto, a parte mais importante talvez corresponda à associação que estabelece entre posição do vocativo nos enunciados e a função pragmática que realizam⁸, como se observa na seguinte tabela:

Não obstante a associação que expôs entre posição e função, chegou à conclusão de que o papel social desempenhado pelos vocativos se sobrepõe a outras funções.

Entre os dados recolhidos pela nossa análise podemos indicar os seguintes:

a) No que diz respeito à linguagem dos jovens de Madrid:

1. Pudemos verificar que todos os vocativos são utilizados nas três posições referidas, mas não com a mesma frequência. Assim, as formas *tío* e *chaval* e as suas variantes de género e número aparecem com mais frequência nas posições inicial e final. Pelo contrário, *tronco* e *hijo* e as suas variantes são utilizados mais frequentemente em posições intermédias.

2. Tendo em conta que o nosso material foi recolhido de conversas orais frente a frente, o que permite uma série de mecanismos linguísticos e contextuais para identificar o interpelado entre os vários possíveis: olhar, conteúdo do enunciado, etc., e que em algumas conversas o interlocutor é único, chegámos à conclusão que a função primordial dos dois primeiros (*tío* e *chaval*) em posição de início é “chamar a atenção”. Prosseguindo com esta mesma

argumentação, a função de “manter e reforçar as relações sociais” verifica-se quando se usa para terminar o enunciado. Isto não excluindo em ambas as posições os casos em que há a necessidade de identificar a pessoa que se está a interpelar.

3. Os vocativos *tronco* e *hijo* e as suas variantes utilização com mais frequência em posição intermédia.

No que se refere aos vocativos do espanhol dos jovens de Buenos Aires, podemos salientar o seguinte:

1. Em todos os vocativos tratados predominam as posições de início e de final; em alguns como *boludo/-a* é especialmente chamativa: 600 casos nestas posições contra 8 em que são usados em posição intermédia.

2. Embora haja um predomínio das posições de início e de final, nem todos mantêm a mesma proporção. Assim, no caso de *chico/-os*, a posição intermédia aproxima-se das utilizações no início e no final, o que pode indicar que uma função predominante do referido vocativo é “manter e reforçar as relações sociais”.

Conclusões

No início deste trabalho foi feita uma advertência para o facto de, no seio de uma mesma língua, existirem diferenças socioculturais que se manifestam em aspectos linguísticos como aqueles que aqui foram tratados. Neste sentido, não se trata de meras diferenças lexicais de carácter dialectal, mas sim de diferentes comportamentos socioculturais cujo respectivo impacto na língua se observa de maneiras muito variadas.

Limitando-nos à linguagem da juventude de Madrid e de Buenos Aires, observámos que, apesar de não ser especialmente normativa, esta destaca-se pelas suas constantes e numerosas inovações, entre elas a utilização, a frequência e a função que concede a determinadas partículas que a tradição gramatical designava por *vocativos* e que as novas disciplinas (como a Análise do Discurso ou a Pragmática Linguística) denominam *marcadores discursivos de controlo de contacto*. Não obstante, utilizamos indistintamente as duas denominações por entendermos que – tal como já muitos outros autores observaram – as referidas partículas são significativamente coincidentes, mesmo quando a língua é estudada sob diferentes perspectivas.

A análise revelou que a diferença de comportamento linguístico entre os jovens de Madrid e os de Buenos Aires extrapola em muito a utilização de diferentes marcadores (CC) ou o facto de o grupo correspondente a uma zona dialectal ser mais prolífico do que o outro no uso que faz destas partículas – o que confirmaria, em nosso

Tabela 7. Posição do vocativo nos enunciados e função pragmática

Table 7. The position of vocative in the sentence and the pragmatic function

Início	Meio	Final
a) Chamar a atenção	b) Identificar o interpelado	c) Identificar o interpelado
d) Identificar o interpelado	(e) Manter e reforçar as relações sociais	(f) Manter e reforçar as relações sociais

⁸ Estas funções que dependem da posição estão ratificadas em Lerner (2003).

entender, a existência de culturas de distanciamento e de aproximação nas quais o papel dos vocativos representa um elemento essencial de análise (Haverkate, 2004). Assim, por exemplo, o estudo permitiu-nos observar que, em certa medida, o uso dos vocativos/marcadores (CC) depende do sexo de quem fala e também daquele de quem ouve. Isto, a par da relação de amizade entre os interlocutores – seja esta superficial ou profunda –, desempenha uma determinada função sempre que é preciso escolher um vocativo, seja ele qual for. No entanto, esta observação terá que ser confirmada por estudos futuros que, com certeza, permitirão aprofundar os motivos que dão fundamento às variações de género.

Por último, foi igualmente abordada a posição dos marcadores de controlo de contacto no enunciado. A nossa análise permitiu-nos comparar aquilo que observámos com as conclusões a que outros autores já tinham chegado (Leech, 1999; Lerner, 2003) e que partilhámos em linhas gerais. Mesmo assim, impõem-se algumas considerações sempre que se avaliam os dados obtidos: em primeiro lugar, seria conveniente, uma vez que estamos a avaliar duas variantes linguísticas da linguagem da juventude, poder separar os aspectos próprios da referida cultura dos comportamentos que se circunscrevem a um âmbito mais geral da zona geográfica em questão, no sentido de seleccionar tudo aquilo que é exclusivo da linguagem dos jovens. Em segundo lugar, estamos convencidos de que, embora esteja mais do que confirmada a existência de uma determinada relação entre a posição dos vocativos e a sua função no enunciado, há que considerar a prosódia (*προσωδία*) com que os mesmos são proferidos. Conjecturamos que, prestando especial atenção a este aspecto, será possível obter informação que ajude a determinar a função pragmática das referidas partículas.

Para concluir, tivemos oportunidade de observar que em muitos casos a intenção daquele que profere um vocativo num enunciado – que seria a que determinaria a função pragmática que caberia atribuir-lhe – fica escondida ou, pelo menos, enevoadada para todos os aqueles que estão empenhados em descodificar o conteúdo das citadas partículas, pois por detrás dessa intenção subjazem uma série de factores como o contexto linguístico, a situação, a relação entre quem fala e quem ouve, a entoação, etc. Além disso, é extremamente difícil perceber se um vocativo está a desempenhar uma ou duas funções em simultâneo. Em princípio, este último caso é perfeitamente possível, como está patente em Shiina (2005) no que diz respeito aos vocativos em língua inglesa.

Referências

- ALONSO CORTÉS, A. 1999. Las construcciones exclamativas. La interjección y las expresiones vocativas. In: B. IGNACIO; V. DEMONTE (eds.), *Gramática descriptiva de la Lengua española*. Madrid, Espasa Calpe, p. 3992-4051.
- ANDERSEN, G. 2001. *Pragmatic Markers and sociolinguistic variation*. Amsterdam, John Benjamins, 355 p.
- BAÑÓN, A.M. 1993. *El vocativo en español: propuestas para su análisis lingüístico*. Barcelona, Octaedro, 155 p.
- BRINTON, L.J. 1996. *Pragmatic markers in English: Grammaticalization and discourse functions*. Berlin, Mouton de Gruyter, 160 p. <http://dx.doi.org/10.115/97831109075825>
- BRIZ, A. 1995. *La conversación coloquial. Materiales para su estudio*. Anejo XVI de la Revista Cuadernos de Filología. Valencia, Universidad de Valencia, 251 p.
- BRIZ, A. 1998. *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmatística*. Barcelona, Ariel, 255 p.
- BRIZ, A. 2001. *¿Cómo se comenta un texto coloquial?* Barcelona, Ariel, 313 p.
- BRIZ, A. 2008. Atenuación y cortesía verbal en España y América. Para un análisis semántico, pragmático y sociopragmático. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE EL ESPAÑOL DE AMÉRICA, VI, Tordesillas, 2008. *Anais...* p. 31-60.
- CARBONERO, P.; J. SANTANA. 2010. Marcadores del discurso, variación social y variación dialectal. In: O. LOUREDA; E. ACÍN (coords.), *Los estudios sobre marcadores del discurso en español, hoy*. Madrid, Arco/Libros, p. 497-521.
- CARRICABURO, N. 1997. *Fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid, Arco/Libros, 83 p.
- CATALÁ, N. 2002. Consideraciones acerca de la pobreza expresiva de los jóvenes. In: F. RODRÍGUEZ (coord.), *El lenguaje de los jóvenes*. Barcelona, Ariel, p. 203-216.
- CORTÉS, L. 1991. *Sobre conectores, expletivos y muletillas en el español hablado*. Málaga, Editorial Librería Agora, 128 p.
- CUENCA, M. J. 2004. El receptor en el text: el vocatiu. *Estudis romànics*, 26:38-64.
- DINI, E.G. 1996. Algo más sobre el vocativo. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN DE HISPANISTAS ITALIANOS, 17, Milano, 57-62.
- DONOHUE, W.A. 1981. Analyzing negotiation tactics: development of a negotiation interact system. *Human Communication Research*, 7(3):273-287. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2958.1981.tb00574.x>
- ECKERT, P. 1988. Adolescent Social Structure and the Spread of Linguistic Change. *Language in Society*, 17:183-207. <http://dx.doi.org/10.1017/S0047404500012756>
- ECKERT, P. 2003. Language and Adolescent Peer Groups. *Journal of Language and Social Psychology*, 22(1):112-118. <http://dx.doi.org/10.1177/0261927X02250063>
- EMIHovich, C. A. 1981. The intimacy of address: friendship markers in children's social play. *Language in Society* 10(2):189-199. <http://dx.doi.org/10.1017/S0047404500008629>
- FANT, L. 1992. Analysing negotiating talk-authentic talk vs. role play. In: A. GRINDSTEDT; J. WAGNER (eds.), *Communication for Specific Purposes*. Tübingen, Gunter Narr, p. 164-175.
- FISCHER, K. 2006. *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam, Elsevier, 498 p.
- FLUDERNIK, M. 1995. Middle English Po and other Narrative Discourse Markers. In: A. H. JUCKER (ed.), *Historical Pragmatics*, Amsterdam, John Benjamins, p. 359-392.
- FUENTES, C. 1990. Algunos operadores de función fática. *Habla de Sevilla y hablas americanas. Sociolingüística andaluza* 5:137-170.
- FUENTES, C. 1993. Claro: modalización y conexión. In: P. CARBONERO; C. FUENTES (eds.), *Sociolingüística Andaluza, 9. Estudios sobre el enunciado oral*. Sevilla, Universidad de Sevilla, p. 99-126.
- GILI GAYA, S. 1961. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona, Spes, 390 p.
- HAVERKATE, H. 2004. El análisis de la cortesía comunicativa. Categorización pragmalingüística de la cultura española. In: D. BRAVO; A. BRIZ (eds.), *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona, Ariel p. 55-66.
- HENNE, H. 1986. *Jugend und ihre Sprache*. Berlin, Gruyter, 385 p.
- HERRERO, G. 2002. Aspectos sintácticos del lenguaje juvenil. In: F. RODRÍGUEZ (ed.), *El lenguaje de los jóvenes*. Madrid, Ariel,

- p. 67-96
- JØRGENSEN, A. 2008. *Tío y tía* como marcadores en el lenguaje juvenil de Madrid. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE LINGÜÍSTICA, XXXVII, Navarra. p. 387-398.
- JØRGENSEN, A. M.; MARTÍNEZ, J. A. 2007. Los marcadores del discurso del lenguaje juvenil de Madrid. *ReVEL: Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, 5:1-18.
- JØRGENSEN, A.; MARTÍNEZ, J. A. 2010. Vocatives and phatic communion in Spanish teenage talk. In: J. J. NORMANN (ed.), *Love ya hate ya-The sociolinguistic study of youth language and youth identities*. Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, p. 193-209.
- LABOV, W. 1978. Where does the sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Texas Working Papers in Sociolinguistics* 44:1-17.
- LABOV, W. 1983. Modelos sociolingüísticos. Madrid, Cátedra, 411p.
- LEECH, G. N. 1999. The distribution and functions of vocatives. In H. H. OKSEFJELL (ed.), *Out of corpora*. Amsterdam, Rodopi, p. 107-118.
- LERNER, G. 2003. Selecting next speaker: The context-sensitive operation of a context-free organization. *Language in Society* 32:177-201. <http://dx.doi.org/10.1017/S004740450332202X>
- LOUREDA, O.; ACÍN, E. 2010. Los estudios sobre marcadores del discurso en español, hoy. Barcelona, Arco/Libros, 735 p.
- MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; MONTOLÍO, E. 1998. Los marcadores del discurso: teoría y análisis. Madrid, Arco/Libros, 288 p.
- MARTÍN ZORRAQUINO, M. A.; PORTOLÉS, J. 1999. Los marcadores del discurso. In: I. BOSQUE; V. DEMONTE (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 3: Entre la oración y el discurso. Morfología. Madrid, Gredos, p. 4051-4214.
- MORENO, F. 1990. Estudios sobre variación lingüística. Alcalá de Henares. Servicio de publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 114 p.
- OBREGÓN, H. 1985. Introducción a los marcadores interaccionales del habla dialogada en el español de Venezuela. Caracas, Centro de investigaciones Lingüísticas y Literarias "Andrés Bello", 91 p.
- OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. B. 1979. Developmental pragmatics. New York, Academic Press, 437 p.
- POBLETE, M.T. 1998. Los marcadores discursivo conversacionales de más alta frecuencia en el español de Valdivia (Chile). *Estudios Filológicos*, 33:93-103.
- POBLETE, M.T. 1999. La cohesión de los marcadores discursivo en distintos tipos de discurso. *Estudios Filológicos*, 34:165-180.
- PONS, S. 2000. Los conectores. In: A. BRIZ (ed.), *¿Cómo se comenta un texto coloquial?* Barcelona, Ariel, p.193-218.
- PORTOLÉS, J. 1998. Marcadores del discurso. Barcelona, Ariel, 160 p.
- PORTOLÉS, J. 2001. ¿Qué nos dicen del discurso los marcadores del español? In: J. GUTIÉRREZ-REXACH (ed.), *Meaning and the Components of Grammar / El significado y los componentes de la gramática*. Munich, Lincom Europa, p. 263-278.
- PORTOLÉS, J. 2002. Partículas del idioma con grandes diferencias. Disponible en: http://www.unidadenladiversidad.com/historico/actualidad/actualidad_ant/2002/julio_2002/actualidad_310702_01.htm. Acceso en 11/11/2013.
- RABANALES, A.; CONTRERAS, L. 1995. Las muletillas en el habla culta de Santiago de Chile. *Scripta Philologica*, 2:673-744.
- RIGATUSO, E. 2007. Che, vos, pibe! Uso y valores comunicativos del vocativo en español bonaerense actual. In: N. BURGOS; E. M. RIGATUSO (eds.), *La modernización del sudeste bonaerense. Reflexiones y polémicas en el ámbito educativo, lingüístico y literario*. Bahía Blanca, Universidad Nacional del Sur, p. 81-93.
- RODRÍGUEZ, F. 2002a. El lenguaje de los jóvenes. Barcelona, Ariel, 318 p.
- RODRÍGUEZ, F. 2002b. Comunicación y cultura juvenil. Barcelona, Ariel, 288 p.
- SANKOFF, D. 1988. Sociolinguistics and syntactic variation. In: F. NEWMAYER (ed.), *Language: The sociocultural context*. Londres, Cambridge University Press. p. 140-161.
- SAN MARTÍN, A. 2011. Los marcadores interrogativos de control de contacto en el corpus PRESEEA de Santiago de Chile. *Boletín de filología*, 46(2):135-166. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-93032011000200006>
- SCHEGLOFF, E. 1968. Sequencing in Conversational Openings. *American Anthropologist*, 70(6):1075-1095. <http://dx.doi.org/10.1525/aa.1968.70.6.02a00030>
- SCHIFFRIN, D. 1987. Discourse markers. Cambridge, Cambridge University Press, 364 p. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511611841>
- SCHNEIDER, K. P.; BARRON, A. 2008. Variational pragmatics: a focus on regional varieties in pluricentric languages. Amsterdam, Benjamins, 371 p.
- SHIINA, M. 2005. Positioning and functioning of vocatives: casework in historical pragmatics. In: C. CALDAS; M. TOOLAN (eds.), *The writer's craft. The culture's technology*. New York, Rodopi. p. 17-48.
- SINCLAIR, J.; COULTHARD, M. 1972. *Towards an Analysis of Discourse*. Oxford Oxford University Press, 163 p.
- STENSTRÖM, A.-B.; JØRGENSEN, A. M. 2008. La función fática de los apelativos en el habla juvenil de Madrid y Londres. Estudio contrastivo. *COLOQUIO EDICE*, 3, Valencia, p.355-365.
- ZIMMERMANN, K. 2002. La variedad juvenil y la interacción verbal entre jóvenes. In: F. RODRÍGUEZ (ed.), *El lenguaje de los jóvenes*. Barcelona, Ariel. p. 137-161.
- ZWICKY, A. 1974. Hey, Whatsyourname! In: W. MICHAEL; A. ROBERT; A. FOX (eds.), *Papers from the tenth regional meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago, Chicago Linguistic Society, p. 787-801.

Submetido: 17/12/2012

Aceito: 02/08/2013

Juan A. Martínez López

Departamento de Filología y Traducción

Universidad Pablo de Olavide

Carretera de Utrera, km. 1

41013 Sevilla, España

Annette M. Jørgensen

Institutt for Fremmedspråk

Universitet i Bergen

Sydnesplassen 7

5007 Bergen, Norge